

Retroprojektor

Clarissa Mohany de Almeida Graziano

Orientadora: Profa. Joana Barossi (EC).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2018.

O trabalho se constrói ao redor de lembranças afetivas e fragmentadas, que aos poucos erguem, aos olhos do leitor, um edifício construído no bairro da Mooca por meu avô — artífice, construtor e autodidata. Revisito de maneira poética e gráfica o edifício que abrigou parte da minha família e, logo, parte da minha infância, trabalhando uma narrativa

particular a partir de minha memória infantil e da minha relação com o edifício — acrescida de pesquisa, bibliografia, entrevistas e resgate imagético. Meu objeto de estudo se confunde com a figura de meu avô e com a obra arquitetônica construída por ele, mesclando a altura dos olhos da criança que fui e o olhar analítico da arquiteta que sou.

Slide projector

This essay is built of affective and fragmented memories, whose pieces, little by little, assemble to the reader a building put up by my grandfather — artífice, constructor and self-taught — in the neighborhood of Mooca. I revisit poetic and graphically the building that housed part of my family and, therefore, part of my childhood, working on a particular narrative from my child memories and my relation with the building — supported by research, bibliography, interviews and image retrieval. My object of study is entangled with my grandfather's figure and his architectural work, and mingles the view from the eyes of the child that I was and the analytic look of the architect that I am.

Retroproyector

El trabajo se construye sobre recuerdos afectivos y fragmentados que, poco a poco, alcanzan, a los ojos del lector, un edificio construido por mi abuelo — artífice, constructor y autodidacta — en el barrio de Mooca. Vuelvo a visitar de manera poética y gráfica el edificio que abrigó parte de mi familia y, luego, parte de mi infancia, trabajando una narrativa particular a partir de mi memoria infantil y de mi relación con el edificio — acrescida de investigación, bibliografía, entrevistas y rescate imagético. Mi objeto de estudio se confunde entre la figura de mi abuelo y la obra arquitectónica construida por él, mezclando la altura de los ojos de la niña que fui y la mirada analítica de la arquitecta que soy.



Filho de português, vô Leandro nasceu em Guanhães-MG, na fazenda Gonçalves. Seu pai José chegou ainda pequeno com seu pai, também Leandro Gonçalves, que tinha como ofício restaurar igrejas. José, viúvo com sete filhos, casou-se com Augusta, nasceram vô Leandro e mais seis – dos quais lembro-me apenas de Célia e Carmem. Ainda menino construiu uma pequena casinha de pau-à-pique para brincar com os irmãos na fazenda.



minha avó Irma costureira, cozinheira e contadora de histórias.

Se o seu avô estivesse aqui, teria 97 anos agora. Depois que ele veio pra cá nunca mais quis sair. Que ano ele veio? Isso eu não sei, nunca perguntei direito, só sei que ele veio pro Alto da Mooca, me conheceu e vocês tão aí!

Ele saiu de Minas novinho, acho que tinha uns dezoito anos, serviu o exército e foi trabalhar com minério de ferro e na mina de ouro, até chegar no Rio de Janeiro. Depois resolveu vir pra São Paulo, ele e um amigo, se não desse certo, voltariam pra Belo Horizonte.

Aprendeu a desenhar sozinho, foi comprando as folhas, as régua... o Dr. Zannon, que era engenheiro da prefeitura, assinava os documentos pra ele, e com o tempo ficaram amigos. Quando seu vô precisava aprovar uma planta ele falava:

— Olha lá Leandro! Vou confiar em você viu?

Nunca caiu nada, graças a Deus. Era considerado um dos melhores pedreiros que tinha por aqui, uma pessoa pra quem se podia dar qualquer serviço na mão sem falar mais nada. Muito sério, muito trabalhador. A primeira casa que ele fez, com um engenheiro junto, né, foi a casa do meu pai. Quando começou a trabalhar numa companhia chamada Varella, o gerente indicou ele para o meu pai, que era encanador e queria construir uma casa ali na Rua Madre de Deus. O Seu Rubens falou assim:

— Você faz a casa, mas eu vou te mandar aquele pedreiro, que é o melhor que eu tenho.

Eu trabalhava numa fábrica na Rua Cassandoca, a Santa Luzia. Aí a fábrica fechou, e meu pai falou que eu não precisava mais trabalhar, pra ficar em casa ajudando. Um dia eu passei na Fernando Falcão, logo na esquina onde hoje tem uma loja de bolo, e o Leandro tava lá. Ele gostava de tocar gaita, o pessoal ficava tudo em volta. Aí ele disse pro meu irmão:

— Eu vou casar com essa menina!

— Fique sabendo que ela é minha irmã e ela namora.

— Pode ser tua irmã, mas ainda não casou.

Minha mãe me mandava lá na obra de tarde levar café pra eles. Seu vô falava assim:

— Nossa, que bolo gostoso! Sua mãe que fez?

Daí um dia eu fiz um bolo de queijo, justo pro mineiro! Só faltava o chapeuzinho vermelho, eu chegava com a cesta, com o bule...e ficava esperando eles terminarem pra levar tudo embora. Eu aprendi a fazer aquele bolo e nunca mais fiz igual. Meu namorado não tinha ciúmes, todo mundo gostava do seu avô. Quando a obra ficou pronta e o Leandro ficou amigo do meu pai, ele vinha muito lá em casa. Eu mal sabia que ele gostava de mim. Nos casamos em 1951 e depois ele trouxe a família dele pra cá.

Sabe ali na Rua Sebastião Preto, 179? A gente morava de aluguel, ele inventou de fazer uma pequena fábrica de granito, mas não deu certo. Era uma casa bonitinha, mas a gente já tava com o aluguel mais de três meses atrasado. O sócio roubou dinheiro dele e ele já tava com problema na coluna... Naquele tempo, quando você queria vender uma casa, anunciava no jornal, no Diário Popular. E um homem que tinha vindo da Espanha viu aquele anúncio e veio ver a fábrica, que era justamente o que ele precisava! Ele trabalhava com granito e ficou com a casa. Depois que vendemos a fábrica, fomos morar no meu pai.

No mesmo dia chegou o Demétrio, um velho conhecido nosso que queria que o Leandro fizesse um sobrado ali na Rua Oratório. Teu avô sabia fazer orçamento muito bem, tudo direitinho, mas quase não sabia escrever, eu que escrevia pra ele. Aí o Seu Curti, um amigo do Demétrio falou:

— Ah, você tá falando tão bem desse moço, acho que vou dar meu sobrado pra ele fazer.

O homem morava na Bixira e queria um sobrado parecido com o que seu avô tinha feito pro Demétrio. Então o Seu Curti disse assim:

— Vamos fazer uma coisa? Eu tenho uma casinha velha pra vender, tô pedindo 400 mil cruzeiros, se você fizer a minha casa, a casinha velha entra no negócio”.

E foi assim que a gente comprou aqui.

O Seu Davidão, que tinha um palacete em Santos e vivia lá e cá, morava perto e sabia o que todo mundo tava fazendo. Ficou conhecendo o Leandro e foi dando tanto serviço pra ele que até comprou uma caminhonete pra ajudar ele a trabalhar. Quando soube que teu avô queria construir um prédio aqui, pediu o orçamento e disse que emprestava o dinheiro. Foram 2 milhões. Seu Davidão dizia:

— O que eu tô fazendo por você nem um pai faz pra um filho.

Quando inaugurava o telhado, costumava dar uma festa pros empregados, pra família... Eu não sei nem quantos pernis eu assei! Aí botava uma arvorezinha em cima do telhado pra mostrar que tava pronto.

Você olhava e já sabia. O pessoal falava:

— O cara mal chegou de Minas e já tá fazendo um prédio.

Quem diria? Ficou famoso, todo mundo conhecia ele, já pensou? Uma pessoa que não sabe ler nem escrever... Ele ia na escola, mas não conseguia aprender. Como pode alguém fazer uma coisa dessas, tão difícil, sozinho? Ele foi um grande homem mesmo.



Mickey no quintal

Olha o meu Mickey. Ô Mickey... o coitadinho morreu... eu levei ele embrulhado no lençol. Tem que ver que bonitinho que ele era. Nós temos uma fotografia dele, não sei nem quanto tempo ela ficou na vitrine ali na Rua da Mooca, de tão linda!

A gente não trancava o portão, as pessoas chegavam e batiam palma. Não tinha tanto bandido ainda, tava começando, tanto é que aquele entrou por aí... Depois eles aumentaram o muro, aqui você consegue ver como era o portãozinho. Olha a telinha que a gente colocou pro Kuki não escapar.

Olha o piso de caquinho... A vó Aurea encerava, nossa como encerava! Quando ia lavar o quintal, sabe o que a gente fazia? Passava sabão e ficava escorregando, dava impulso e ia de joelho até bater ali.

O quintal era um verdadeiro parque de diversões, onde vó Leandro era o construtor, dono e funcionário: Um par de balanços cor de laranja amarrados no telhado que ele revezava para empurrar minha irmã e eu. Um escorregador rosa de pedrinhas, de difícil acesso e estranhamente colocado ao lado da escada, onde eu me pendurava e vovô pendurava toalhas. A descida, curta, lenta e dolorosa, me levava até o final da escada, onde vó Irma tinha um grande vaso de flores vermelhas, chamadas Antúrios, que pareciam de plástico. Nos dias de calor, vovô montava a piscina azul ou transformava o parque em restaurante. Tio Artur comandava a churrasqueira:

— Quem quer picanha?

— Passa o "toicinho" de porco.

Quem se divertia mesmo era o Kukinho, que passava de um lado pro outro em busca de um pedaço de carne. Suas melhores e mais fartas férias foram na casa do vovô, onde comia comida de gente e passeava todas as tardes. Ele adorava cachorro, dizem que ensinou Mickey a sentar e Kuki a falar "tonyu".

O Artur ficava louco atrás de cachorro, ele gostava! Mas quem cuidava era eu. Uma vez ele bateu o carro do amigo subindo pra Paes de Barros, aí ele, muito inocente, saiu para telefonar pro amigo e, quando voltou, o homem do outro carro tinha ido embora e deixado um cachorrinho. O que ele ia fazer? Pegou o cachorrinho, colocou no carro e trouxe pra casa. Ele chegou quietinho, não falou nada. Escutei um barulho no quintal, levantei, era o cachorro que queria sair. Eu falei:

— Artur! Quem mandou trazer esse cachorro?

Eu dava pros outros, eu não queria cachorro aqui.

Atrás do portão de entrada tinha uma pequena porta branca com janelas de vidro: o porão, ou casinha de boneca. Eu adoraria montar uma casa lá, igual à que mamãe conta que vô Leandro fez para ela — e que eu nunca vi, mas imaginava ela toda na minha cabeça. O armário à esquerda, o sofá com a mesa para o chá nos fundos. Cortina branca de renda nas janelinhas. Olhando da rua, pareciam próximas do chão.

— Quando você montou a casinha no porão?

— Ah, nessa época já brincava com a Aurea e a Maria José, colocava todo mundo lá dentro.

A Aurinha era brava, ela só queria se agarrar na Neide.

O meu pai falou:

— Só tem Arthur! Essa menina vai chamar Aurea.

Ela não gostava do nome. Quando o Artur nasceu, o Leandro quis colocar o nome do meu pai, eu fiquei tão feliz! Aí registrou sem o "h"... Quando ele era pequeno, falava que queria mudar o nome pra ficar igual ao do avô.

Os almoços no quintal eram a maior festa. Todos lá fora. Vó Irma debruçada no alto da escada com a travessa de macarronada na mão.

— Olha, alguém pega isso aqui?

A comida na mesa. O portão aberto. Papai resolvia lavar o carro.

— Posso ajudar?

Gustavinho queria tirar as pichações da parede:

— Se esfregar bem, eu acho que sai!

Mamãe chamava pra comer a sobremesa:

— Fechou o portão?

— Fechei

— Cadê o Kuki?

— Acho que esqueci lá fora!

— Achei! Tá embaixo da mesa.

Mamãe trazia a sanfona e tocava Beijinho-Doce, a música que vô Leandro cantou pra vó Irma na roda-gigante. Às vezes ele acompanhava com a gaita, em outras com as colheres.



Cida na cozinha

Olha a Cida, que xereta! O que ela tava fazendo ali? Ai como esse fogão era bom! O chão era de granito rosa e tinha uma muretinha que vinha até aqui, um pequeno balcão que a gente punha uns vasilhos. Minha geladeira era bonita, importada, custou não sei quanto... Ai que geladeira linda! Durou 37 anos, era verde. Se você visse as comidas que a gente fazia, cada bife... Eu forrava o chão todo de jornal pra gordura não sujar, mas fazia cada bife...

Quando cozinhava, vovó se fechava do outro lado da cozinha, correndo as grandes portas de vidro pro cheiro não escapar. A vela acesa ao lado do filtro de barro, o feijão com pedacinhos de linguiça na panela, o forno elétrico assando algo que cheirava bem...

— Tá pronto!

As portas se abriam, e lá vinha ela. Avental na cintura, o lencinho tricotado que escondia os cabelos enrolados com bobes.

— Abre espaço, tá quente!

Puxei ao vovô e o cheiro de peixe me incomodava. Preferia o bife com uma bolinha de manteiga e ervas em cima. De vez em quando me esforçava só pra poder comer nos pratos com formato de peixe.

Exceto em duas grandes ocasiões do ano — quando vô Leandro preparava as deliciosas almôndegas para dar de presente aos seus médicos, e quando passava horas, dias, fazendo o curau de milho verde —, quem comandava a cozinha era a vô Irma. Famosa por suas costelinhas de porco, ela sabia agradecer não só o mineiro mas a família toda.

A cozinha sempre foi lugar de se reunir: nos almoços do meio de semana (quando éramos poucos e todos podiam sentar em seus lugares na mesa: vô Leandro na ponta, eu à sua direita, Nayara à sua esquerda, papai do meu lado, vovó e mamãe buscavam sempre o lugar mais próximo do fogão); nos lanchinhos da tarde no domingo, quando tia Bete, tio Leandro e as meninas chegavam com pães e doces da padaria Jupan; e nas festas de aniversário, que enchiam a cozinha.

— Tem que abrir a mesa, ou não vai caber todo mundo.

— Os pequenos comem no quartinho, na mesinha.

E assim, nós éramos deslocados para o antigo escritório do vovô. A mesa ficava próxima o bastante para que nos observassem, mas longe o suficiente para que pudéssemos escapar quando terminássemos de comer — evitando os contorcionismos habituais para sair por baixo da mesa da cozinha. Depois do almoço o quartinho se transformava em sala de jogos: apostávamos feijões.

— Dois patinhos na lagoa.

— A idade de Cristo.

— Bingo!

Aos domingos, quando raramente dormíamos lá, tomávamos o café da manhã nesse cômodo. A mesa de madeira, com quatro cadeiras de coração, era perfeita para nós quatro. Vó Irma abria as venezianas, ia até a cozinha e voltava com ovos cozidos, bem molinhos, para comer na xicrinha. Próximo do almoço íamos à feira comprar verduras, frutas e comer pastel.

Esse forninho elétrico é muito bom, tá com a gente tem bastante tempo. Eu tinha um outro, menor, mas um dia eu e o vô passamos em uma loja, eu vi esse e ele falou:

— Vamos comprar.

Chegando em casa, ele era tão grande... não tinha nem onde colocar. Mas é muito bom, assa que é uma beleza. Quanta coisa boa a gente já fez aí, não? E o biscoito da bisa, hum... Qualquer dia vou te ensinar a fazer aquele pão de forma que eu faço, é muito fácil. Eu peguei a receita numa revista lá na Neusa Cabeleireira.

Os armários amarelos — do mesmo tom do azulejo de florzinhas da parede — deixavam a cozinha inteira com um filtro de luz amarelado no final da tarde, quando a gente chegava da natação para o lanchinho e trazia bolo de caçarola e broas de fubá, os preferidos do vovô. O chá de erva-doce também não podia faltar. Lembro de um inverno, quando vô Leandro inventou um dispositivo de madeira que segurava uma panelinha bordô de metal, com uma vela embaixo. Passamos dias sentados nas cadeiras de madeira, trançadas de palha, em volta do novo brinquedo, derretendo pequenos pedaços de queijo. Às vezes, a cozinha era tomada por tia Carmem, que vinha fazer uma visita e preparava deliciosas coxinhas e docinhos de coco. Um dia, trouxe do sítio duas galinhas que viveram por pouco tempo no quintal. Depois não me lembro mais.

Uma vez, em Ilhabela, uma mulher pediu uma carona pro seu avô. "Sobe aí", ele disse. Passou uma semana, ela veio com uma galinha de presente e ele a trouxe pra casa. Ela tava magra! Deixou ela lá na lavanderia, que era bonita e bem arrumada. A galinha subiu e deixou cair alguma coisa. Eu peguei ela, puxei o pescoço e matei!

Quando ele chegou... Ele também era bem doido o seu avô, doido mesmo! Ele mandou fazer uma gaiola desse tamanho, assim de alta, ia pendurar na parede perto de onde tá a pia e botar a galinha ali. Lá não era lugar de galinha! Eu fiquei com tanta raiva que puxei o pescoço dela! Onde já se viu prender a galinha?

Ele perguntou dela quando chegou e eu falei: "Ah! A galinha? O Paulo, meu irmão, levou para um terreno". Mas a galinha já tava num saquinho plástico dentro da geladeira. Ele achou que era verdade. De vez em quando ele falava assim: "Será que a galinha tá engordando?". Eu dizia que não sabia. Um dia ele perguntou dela e eu falei: "A galinha você já comeu Leandro". Ele ficou quieto, não falou nada... Ele aprontava cada uma também!



Cida no bar

Tinha um bar! Você tinha que ver que bonito que era... Todo revestido com Eucatex nas paredes e fórmica azulzinha na bancada. O mais bonito de todos foi aquele. Tinha as garrafas todas pra cá; a porta não era ali, era mais pra lá, com as prateleiras de vidro... E aqui era uma cristaleira, tinha me esquecido completamente dela! Tinha até uma luzinha.

O bar era em forma de um arco, o vô abria a porta de trás e entrava por baixo. As garrafas ficavam dentro. A pessoa puxava a banquetinha que ficava guardada embaixo e sentava. Seu avô ficava lá dentro servindo.

Não conheci o bar, quando nasci já tinha sido substituído pelo painel de madeira que escondia as escadas, exibia as fotografias dos netos e a coleção de enciclopédias e guardava as louças da vovó — inclusive os pratos de peixe. O quadro de madeira com a imagem de uma vila medieval — feito pela tia Marlene — ficava perto da cozinha, ao lado do interfone, e cobria o quadro de luz. Eu ficava muito tempo olhando e me perdendo naquela vila de madeira em miniatura. Do outro lado, um grande quadro com uma torre de relógio, que depois deu lugar ao cuco.

Quando o teu avô comprava um presente pra mim, ele comprava um igualzinho pra tia Neide. Quando comprava um relógio, ele comprava três, quatro, pra dar de presente. Ele abraçava nós duas! Ela gostava do dele... Como gostava!

— Eu lembro do vô arrumando o cuco.

— É mesmo! Não tive sorte com esse relógio, não canta.

Vi várias vezes vô Leandro em cima da escadinha cutucando o relógio pro cuco voltar a funcionar. O danado do passarinho até chegava a sair da casinha algumas vezes, mas não demorava muito para se esconder e não sair mais. Em 2007 foi a última vez que o vi se preocupar com o cuco: vô Leandro morreu na noite de 10 de junho de 2007. Vovó substituiu definitivamente o cuco pelo quadro das bodas de 50 anos.

Esse foi o último pedaço do apartamento que se manteve com o piso de pastilhinhas em formato de colmeias coloridas, em tom pastel. No fundo, embaixo da escada, o buraco que guardava um monstro e o aspirador de pó. Dentro, atrás das fotografias, os sapatos enfileirados lado a lado. No alto, longe do nosso alcance, um pequeno altar.

Aqui embaixo era um jardinzinho e acho que aquela estante era aqui, e ali o aquário que a noite dava pra ver do meu quarto. Ele ficava embutido, teu avô colocou ele do lado de lá, com o espelho e o vidro pra cá. Era bonita essa sala, a criançada vinha e sentava embaixo dele. Passavam uns moços aí e diziam: "Ai dona Irma, posso entrar? Tô com uma saudade daquele aquário com os bichinhos...". Ficava tudo contente!

O seu avô foi fazer uma fábrica pra um amigão nosso, uma fábrica de televisão. E o dono da fábrica mandou uma televisão de presente pra gente. Eu tinha saído. Quando vinha voltando, vi uma caminhonete parada aqui em frente. Ele mandou até a mesinha! Era uma caixa desse tamanho de fundura, bem linda a madeira, quadrada assim. Colocava no canto, era moda. Os meninos dessa rua vinham tudo correndo pra assistir televisão aqui em casa.

Depois do almoço deitávamos na sala para ver a sessão da tarde e a novela das seis, quando vô Leandro não estava assistindo seu seriado de cowboy americano. Aos domingos, não cabíamos todos na sala: sem chance de deitar. Vovô gostava de colocar a gente no colo e cantar "serra, serra, serrador, serra o papo do vovô". Assistimos o Brasil ser campeão na Copa de 2005 ali.

Uma das minhas primeiras memórias é na sala da casa dos meus avós. O sofá na frente da janela, eu escondida atrás surpreendendo alguém que estava sentado e que fingia se assustar. No teto, um ventilador de madeira, com a mesma palhinha das cadeiras da cozinha, e duas correntinhas que mudavam a velocidade e que eu nunca alcancei. Uma mesa de centro com tampo de vidro onde vivíamos debruçados. O cavalinho de porcelana branco da vovó de um lado pro outro.

— Cadê seu cavalinho?

— Acho que quebrou, mas agora você fez bem de me lembrar, porque eu vou comprar um cavalinho, não de verdade, claro.

Eu sempre gostei de cavalos, sou fã! Meu avô tratava dos cavalos. Eu não sabia. Quando cresci, minha mãe me contou que ele trabalhara no Hipódromo. Durante a "Revolução de 1924", dos mineiros contra os paulistas, o pessoal que fugiu se escondeu lá dentro. Meu avô e o amigo acharam que tava tudo muito quieto, que tinha acabado. Quando olharam do portão, os mineiros estavam lá em cima, onde hoje é o supermercado Extra, e atiraram neles!

Ele morreu ali, sem saber de nada. Eles entravam nas casas e pegavam tudo que tinha. A minha mãe ficou sem pai e viu tudo isso. Então eles não gostavam de mineiro. E eu fui namorar logo com um!

Esse negócio aí acho que era um sofá marrom. Era bonita essa sala, agora ficou muito feia. Tá feia demais. Ela já mudou várias vezes. Quando a casa ficou pronta, tinha um sofá laranja, salmão, todo de gomos, era assim ó, ia ali e fazia a curva. E duas poltronas pequenas, uma azul que ficava aqui e outra salmão lá.

Como todos os velhinhos, os dois gostavam de dormir à tarde e sempre tentavam nos levar junto. Nos deitávamos, Nayara e eu, no meio dos dois. Vó Irma puxava o cobertor Parahyba xadrez e acendia o abajur só com um toque em cima, bem na pontinha. Começava o mexe-mexe: eu não queria dormir. Escorregava pra baixo, assim que ouvia o primeiro suspiro deles, e fugia para sala. Minutos depois o sininho tocava, era um dos dois que chamava no quarto. Vó Irma pedia uma massagem e as meias no pé. Na penteadeira — na frente do espelho com fotos dos netos — escolhia um frasco de creme, puxava o banquinho de crochê e se sentava no pé da cama. Para me fazer dormir, só no quartinho da frente. De tarde, o sol que batia na cortina deixava o quarto todo azul. Aquela cortina me dava um sono...

Na casinha que tinha aqui, sabe o quarto lá da frente? Era um jardim. Só mineiro pra fazer isso mesmo. Sabe o que seu avô plantou? Rabanete, tomate... A couve crescia desse tamanho! O vizinho aí do lado falava "Poxa Seu Leandro!".

Olha, podia-se falar que a nossa casa, daqui da rua, era a mais bonita. Ele era muito caprichoso.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adoniran. Abrigo de vagabundos. São Paulo: Odeon, 1958. 3min. Disponível em: <www.lettras.mus.br/adoniran-barbosa/43962/>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembrança de velhos, São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARTA, Mino. **Histórias da Mooca**: com a bênção de São Gennaro. São Paulo: Berlindis Vertecchia, 1982.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

LIMA, Juliana Domingos de. O trabalho do artista que documenta "arquiteturas anônimas" de São Paulo.

Nexo Jornal, São Paulo, 14 abr. 2018.

Disponível em: <www.nexojournal.com.br/expresso/2018/04/14/O-trabalho-do-artista-que-documenta-%E2%80%98arquiteturas-an%C3%B4nimas%E2%80%99-de-S%C3%A3o-Paulo>. Acesso em: 16 abr. 2018

MARTINELLI, Pedro. **Casas paulistanas**: pequenos tesouros da Móoca na transformação de São Paulo. São Paulo: Casa Paulistana de Comunicação, 1998.

MELLO, Joana. **O arquiteto e a produção da cidade**: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva 1930-1960. 2010. Tese (Doutorado) – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PARETO JUNIOR, Lindener. **O cotidiano em construção**: os práticos licenciados em São Paulo (1893-1933). 2011. Dissertação (Mestrado) – História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PEREC, Georges. **A vida modos de usar**: romances. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. 80min. Disponível em: <vimeo.com/235942043>. Acesso em: 17 out. 2018.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SUPERMEMÓRIAS. Direção: Danilo Carvalho. 20min. Disponível em: <vimeo.com/35252608>. Acesso em: 16 out. 2018.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: GG, 2006.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade em 2018.

clarissamohany@hotmail.com